

Parte 2 - Processos educacionais e comunicacionais para formação do profissional de Comunicação

Experiência de um laboratório de aprendizagem intercursos de PP e RP

Alessandra Ferreira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERREIRA, A. Experiência de um laboratório de aprendizagem intercursos de PP e RP. In: NAGAMINI, E., org. *Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 265-275. Comunicação e educação series, vol. 1. ISBN 978-85-7455-439-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Experiência de um laboratório de aprendizagem intercursos de PP e RP¹

Alessandra Ferreira²

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

Introdução

Com o olhar nas Diretrizes Curriculares dos cursos de Relações Públicas³ e de Publicidade e Propaganda⁴, no trecho da missão da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, que prega promover a formação integral e permanente dos cidadãos, e nas habilidades, perfil do egresso, articulação teoria-prática e atividades extracurriculares propostas pelos Projetos Pedagógicos dos dois cursos, a Célula Coletivo Experimental foi fomentada pelos colegiados para ser um laboratório de aprendizagem que integre os discentes dos dois cursos, como suporte para o refinamento do conhecimento, de agregação de conteúdo, simulando o ambiente de mercado, onde as profissões de diferentes áreas se encontram e precisam somar para a produção de produtos únicos. Como ferramenta de apoio nesta integração, o laboratório está colocando em prática as sugestões do Problem Based Learning (PBL) como estratégia de uniformização da aprendizagem em objetos centrais – chamados de problemas – e oferecendo suporte para as soluções.

1 Trabalho originalmente apresentado no GP Comunicação e Educação, no XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Texto atualizado para esta publicação.

2 Professora nos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo e coordenadora da Célula Coletivo Experimental, Laboratório de Aprendizagem da PUCPR. E-mail: ale.ferreira@yahoo.com.br.

3 Resolução CNE/CES n° 2, de 27 de setembro de 2013.

4 Resolução CNE/CES n° 492/2001

Atrelado ainda ao modelo atual de ensino, de disciplinas segmentadas e agregadas apenas em projetos específicos e no temor de uma atrofia mental, o laboratório nos convida a se afastar do alerta dado por Morin (2000, p. 42-43):

Como nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e não a unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra-cabeças ininteligível. As interações, as retroações, os contextos e as complexidades que se encontram na *man's land* entre as disciplinas se tornam invisíveis. Os grandes problemas humanos desaparecem em benefícios dos problemas técnicos particulares. A incapacidade de organizar o saber disperso e compartimentado conduz à atrofia da disposição mental natural de contextualizar e de globalizar.

Ainda dentro desta linha de visualizar o acadêmico como um ser único e já detentor de conhecimento, a formação do acadêmico de Publicidade e Propaganda (PP) e Relações Públicas (RP) no laboratório é estimulada à luz da proposta de Freire (1980): “humanizada” e libertadora.

Se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é a humanização, cedo ou tarde poderão perceber a contradição na qual a educação escolar procura mantê-los e se comprometerão então na luta por sua libertação. Mas o educador humanista revolucionário não pode esperar que esta possibilidade se apresente. Desde o começo, seus esforços devem corresponder com os dos alunos para comprometer-se num pensamento crítico e numa procura da mútua humanização. Seus esforços devem caminhar junto com uma profunda confiança nos homens e em seu poder criador. Para obter este resultado deve colocar-se ao nível dos alunos em suas relações com eles (FREIRE, 1980, p. 80).

Por isso não existe separação a partir de níveis de habilidade e competência, apenas de áreas dentro de uma agência. Além disso, o laboratório também encontrou nas reflexões de Bordenave e Pereira (1982) a respeito do ensino superior o norte que fundamentou a implantação do laboratório aqui apresentado. Admite-se que não se trata de uma inovação na proposta pedagógica, vislumbrada e praticada em muitas outras áreas que já adotam modelos intercursos de integração em atividades práticas há décadas, assim como o PBL, como se reconhece nos cursos da área de saúde. Trata-se apenas de uma aposta em um ambiente multidisciplinar e intercursos em que o discente é detentor das ferramentas na construção do seu próprio conhecimento, conforme ensina a Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação 1998: “os sistemas de educação superior devem colocar estudantes no

centro das suas preocupações, dentro de uma perspectiva continuada, para assim permitir a integração total de estudantes na sociedade de conhecimento global do novo século” (UNESCO, 1998, s/p), e encontra suporte permanente de tutores para colocar em prática e ao tempo correto as ações executadas.

Internamente, considera-se que os acadêmicos que integram o laboratório estudam em período integral, mesmo com os dois cursos sendo ofertados apenas nos períodos matutino ou noturno. Pois há um período de aulas tradicionais das disciplinas e, no contraturno, sempre no período da tarde para os dois turnos, os discentes continuam seu aprendizado de forma voluntária, em trabalhos exclusivamente práticos e orientados por professores específicos e dentro do modelo PBL. Os acadêmicos dos dois cursos resolvem questões conjuntamente em produções únicas, respeitando e valorizando as habilidades e competências já desenvolvidas em cada um deles, PP e RP, exatamente como o mercado já clama. Rodrigo Turra (2000, p. 120-122) sugestiona um novo perfil do profissional de comunicação da contemporaneidade:

Ter uma linguagem global, mas atitude local/tribal. [...] E isto faz com que se mude radicalmente o conceito de quem é o comunicador, pois se ele é o guardião da marca, ele é o guardião da empresa inteira. Sua função se confunde com a do marketing no momento em que tem o dever de cultivar e desenvolver a boa imagem da empresa, por meio de bons produtos e serviços prestados, bem como de informações de qualidade. [...] Desta forma, a comunicação da empresa não fica mais presa ao marketing agência. A comunicação deve passar por um planejador de comunicação, um profissional completo, que entenda de mercados e domine todos os instrumentos de comunicação e saiba gerenciá-los de forma ordenada e em conjunto [...]. O comunicador deve ser um administrador de Experiências. Ou seja, este comunicador deve, antes de tudo, pensar em como tornar os contatos dos diversos públicos com marca algo encantador, inesquecível.

E são competências e habilidades que extrapolam a habilitação específica de RP ou PP, mas as une, ao colocar a experiência dos dois, não em confronto, mas em sinergia, propulsionando o desenvolvimento desta habilidade mais ampla, da visão de Comunicação e suas necessidades para as organizações.

Parâmetros norteadores

A Célula Coletivo Experimental foi implementada ao longo de 2014. No primeiro semestre, etapa de instalação, professores e alunos dos

dois cursos dividiam um espaço físico comum e desenvolveram produtos específicos. Como um dos pilotos desta etapa, o departamento do laboratório de Pesquisa e Atendimento, formado por dois alunos de cada habilitação do curso de Comunicação Social, RP e PP, desenvolveu, conjuntamente e orientados por um professor de Relações Públicas, uma pesquisa em torno da percepção dos acadêmicos dos dois cursos em relação ao plágio. Tal desenvolvimento embasou toda a construção de um *briefing* específico para a criação da campanha contra o plágio e da motivação à honestidade intelectual para a Escola de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, desta vez desenvolvido e orientado por professores de Publicidade e Propaganda. Nesta ocasião, não se implantou o PBL, mas foi um experimento do trabalho intercurso.

Além das sustentações já citadas, a concepção do laboratório também foi apoiada pelas premissas de desenvolvimento de Piaget (1982), que prega que o desenvolvimento intelectual é resultado de um intercâmbio dinâmico e ativo do receptor e seu ambiente. Assim, o ambiente físico do laboratório já coloca em sinergia as duas habilitações. E, obviamente, a sua concepção também foi influenciada pela proposta de mediação de Martín-Barbero (2002), que ensina que o objetivo básico do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio transmite ao receptor, considerando aqui a comunicação como sendo o desenvolvimento das atividades práticas e o receptor os próprios discentes. Assim, os colegas sugeriram agregar tal premissa ao processo de transmissão do conhecimento, favorecendo um ambiente de interação e apropriação do meio, do conteúdo e do próprio conhecimento, utilizando para isso a ferramenta de PBL. Desta forma, no segundo semestre de 2014, o laboratório foi reestruturado e um coordenador foi acolhido para criar procedimentos e processos que garantissem a integração entre os cursos e o desenvolvimento de projetos comuns. Tal cenário se fez não apenas pelas considerações elencadas acima, mas também pelas orientações das Diretrizes Nacionais Curriculares dos dois cursos envolvidos. Especificamente no curso de Relações Públicas, as então recentes diretrizes serviram de eixo para a reestruturação do laboratório, principalmente naquilo que indica em seu Artigo 5º:

O curso de Relações Públicas deverá possibilitar formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

I - Gerais:

- a) domínio das linguagens e das técnicas utilizadas no processo de comunicação e nas diversas mídias, articulando as dimensões de criação, produção e interpretação;
- b) capacidade de articular, de forma interdisciplinar, as interfaces existentes nas diferentes áreas da comunicação, bem como de outros campos do saber, promovendo a integração teórico-prática;
- c) atuação profissional em consonância com os princípios éticos de comunicação para a cidadania, considerando as questões contemporâneas, voltadas para os direitos humanos e a sustentabilidade;
- d) capacidade de produzir conhecimento científico no campo da comunicação e na área das relações públicas e de exercer a docência (BRASIL, 2013, s/p).

Além de promover tais competências e habilidades dentro das disciplinas e com toda a estrutura da instituição, o refinamento deste conhecimento é possível de ser ampliado através do laboratório de aprendizagem, como a Célula Coletivo Experimental, como indica especificamente o item “b”. Além disso, no laboratório, são ofertadas oficinas complementares para que os acadêmicos tenham domínio das ferramentas necessárias para a resolução das atividades propostas, que acabam por integrar as atividades complementares, exatamente como previsto no Artigo 8º inciso 1 (BRASIL, 2013, s/p),

- a) projetos de iniciação científica e de extensão;
- b) publicações;
- c) participação em cursos, oficinas, eventos, seminários e congressos científicos e profissionais.

Assim, o Projeto Pedagógico de Curso de Relações Públicas da PU-CPR em vigor no ano de 2014 considera a Célula um dos seus componentes dos seus Projetos Interdisciplinares:

caracteriza-se como espaço para atividades de extensão que complementam o aprendizado técnico e teórico do aluno com atividades práticas que envolvem o atendimento de clientes reais de mercado do atendimento ao resultado final de comunicação. As atividades de extensão são oferecidas no contra-turno aos alunos de Comunicação Social, visando a formação de excelência de nossos discentes. A justificativa mercadológica consiste em poder atender ao mercado com serviços de comunicação, possibilitando assim o contato do aluno com a realidade de sua profissão.

Mediante acompanhamento de professores, os estudantes poderão montar portfólio e viver experiências curriculares relevantes para seu crescimento pessoal e profissional (PUCPR, 2013a, p. 17).

Partindo da premissa de construir um ambiente de desenvolvimento das competências ideais do profissional, também o curso de Publicidade e Propaganda trouxe as reflexões das suas Diretrizes Curriculares na concepção do presente laboratório de aprendizagem, principalmente nas características do perfil comum do egresso formado em Comunicação Social:

1. sua capacidade de criação, produção, distribuição, recepção, e análise crítica referentes às mídias, às práticas profissionais e sociais relacionadas com estas, e a suas inserções culturais, políticas e econômicas;
2. sua habilidade em refletir a variedade e mutabilidade de demandas sociais e profissionais na área, adequando-se à complexidade e velocidade do mundo contemporâneo;
3. sua visão integradora e horizontalizada - genérica e ao mesmo tempo especializada de seu campo de trabalho possibilitando o entendimento da dinâmica das diversas modalidades comunicacionais e das suas relações com os processos sociais que as originam e que destas decorrem.
4. utilizar criticamente o instrumental teórico-prático oferecido em seu curso, sendo portanto competente para posicionar-se de um ponto de vista ético-político sobre o exercício do poder na comunicação, sobre os constrangimentos a que a comunicação pode ser submetida (BRASIL, 2001, s/p).

Assim, seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) também acolhe o laboratório dentro do parâmetro de um desenvolvimento crítico e interdisciplinar do publicitário, atendendo a uma visão da própria PUCPR:

compreende-se o trabalho interdisciplinar como uma prática pedagógica que não se ensina nem se aprende, mas é vivenciada, construída, caracterizando-se pela busca, pela pesquisa e pela ousadia em romper os limites das fronteiras estabelecidas entre as várias áreas de conhecimento. Entretanto, cabe respeitar a especificidade do estatuto epistemológico de cada área do saber, estabelecendo-se um diálogo entre elas. O desenvolvimento de atividades e projetos de cunho interdisciplinar favorece a formação de profissionais pluralistas e ao mesmo tempo com domínio adequado do saber técnico de sua área de atuação. Essa é uma alternativa para a superação da fragmentação dos saberes, contribuindo para a construção de um perfil de egresso que tenha domínio sobre seu campo de conhecimento e seja capaz de dialogar com outros saberes, em um processo permanente de autoformação. Portanto, é fundamental que a execução dos currículos supere

o fechamento da matriz curricular, desenvolva ações interdisciplinares consistentes que integrem as atividades das Escolas nas dimensões de Pesquisa, Ensino e Extensão. [...] Esse princípio é vivenciado a partir do desenvolvimento da noção de trabalho em grupo em todas as disciplinas da graduação, com outros profissionais, destacando-se o projeto integrador, projeto comunitário e o projeto experimental. A consciência da interdisciplinaridade também é dada na prática profissional proporcionada pelos Estágios (PUCPR, 2013b, p. 22).

À luz do PPC de Publicidade, as ações desenvolvidas pela Célula são viabilizadas como uma das possibilidades das Atividades Complementares, que preveem que:

haja contribuição significativa à ampliação de repertório e do conjunto de critérios para o juízo crítico, o reconhecimento de diferentes correntes de aprendizado e, também, para o reconhecimento de áreas intersubjetivas para a propagação de conteúdos concernentes ao contexto cultural local, regional, nacional e internacional, relevantes à ação educacional que prioriza a interdisciplinaridade como principal articuladora de saberes na construção de conhecimentos (PUCPR, 2013b, p. 37).

A partir de estruturação destes quatro documentos (Diretrizes Curriculares e PPC dos dois cursos acolhidos pelo laboratório), a Célula Coletivo Experimental estrutura-se através de um Regimento Interno aprovado pelos colegiados dos dois cursos. Caracterizado, no seu Capítulo I e Artigo 1 como:

Art. 1º - A Agência Intercursos Célula Coletivo Experimental é caracterizada como um laboratório de aprendizagem dos cursos de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, da Escola de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, que visa proporcionar suporte ao aprimoramento prático dos discentes a ela integrada, com atividades monitoradas e sistematizadas extracurriculares. (PPC de PP e RP da PUCPR – 2013, s/p)

É objetiva, segundo seu artigo 6º, de forma não hierárquica:

- I. Fomentar um espaço de prática profissional dentro do ambiente acadêmico, onde discentes dos cursos de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda desenvolvam projetos em conjunto;
- II. Oportunizar aos discentes a construção de soluções integradas em Comunicação Social;
- III. Possibilitar a aplicação dos conhecimentos teóricos em atividades práticas, sempre levando em consideração o paradigma da comunicação integrada;

IV. Refinar o conhecimento prático dos discentes, dentro do ambiente acadêmico;

V. Aprimorar a construção do perfil profissional com consciência, criticidade e ética;

VI. Desenvolver projetos com qualidade superior para os públicos internos e externos. (PPC de PP e RP da PUCPR – 2013, s/p)

PBL em laboratório

A Célula implanta, em um modelo extracurricular, o Problem Based Learning (PBL), estratégia pedagógica centrada no aluno e não no docente. Desenvolvido na década de 1960 pela McMaster University, em Hamilton, Ontário, Canadá, e na Holanda (em Maastricht), para a escola de Medicina, é aplicado e criticado há mais de 30 anos, especialmente nas áreas de saúde e engenharia. Há alguns anos começou sua extensão por outras áreas do conhecimento, ainda de forma muito incipiente. Sua base sustenta que, a partir de situações problemas indicadas, almeja-se sua solução através da: observação da realidade, construção de pontos-chave e aplicação na realidade. Assim, os problemas preestabelecidos são ofertados aos discentes e, com todos os suportes adequados, os próprios acadêmicos conseguem efetivamente construir sua base de conhecimentos, trilhando caminhos próprios, excluindo, desta forma, o modelo tradicional de escuta e aferição do conhecimento ao final do período por avaliações escritas e/ou práticas.

De forma superficial, nas práticas adotadas através do PBL na formação de graduação, situações problemas são construídas pelo corpo docente, de acordo com o nível de conhecimento de cada grupo formado, então são entregues aos discentes, que possuem prazos predeterminados para sua execução. Durante sua execução, os acadêmicos possuem suporte para a solução das situações e, ao final, apresenta-se a solução e como chegaram até ela.

Dentro do laboratório de aprendizagem da PUCPR, esses problemas restringem-se a questões da comunicação, assim delimitados de acordo com seu Regimento Interno:

Pesquisa de Mercado; Planejamento e desenvolvimentos de marcas; Planejamento e execução de ações de comunicação institucional, cobertura fotográfica, mercadológica e interna; Planejamento de mídia; Planejamento e execução de ações de gestão de crise; Assessoria de imprensa e media training; **Criação:** Desenvolvimento de campanhas, incluindo anúncios, materiais impressos como cartazes e folders e peças

eletrônicas como vinhetas e vídeos; desenvolvimento de campanhas e conteúdo visual para o ambiente web e mídias sociais. **Produção:** Produção de conteúdo. (PPC de PP e RP da PUCPR – 2013, s/p)

Assim, no início dos semestres, são formadas equipes com quatro integrantes, baseadas em áreas de interesse dos próprios acadêmicos e não necessariamente das suas áreas de matrícula, RP ou PP: criação e redação, atendimento, pesquisa e planejamento e audiovisual. Cada grupo destes é tutorado por um professor da área. Após esses processos, são apresentados para todos os problemas, que são necessidades comunicacionais reais, de clientes internos ou externos à instituição, com prazos também preestabelecidos, de acordo com sua complexidade e respeitando o calendário acadêmico da instituição. Após a apresentação e seleção das equipes necessárias para sua execução, os acadêmicos, dentro do ambiente da Célula e utilizando toda a infraestrutura da instituição, iniciam as atividades. Nos primeiros momentos, evidencia-se a prática de um *brainstorm* e pesquisas de referência, com orientação dos professores. Após essa etapa – e se necessário for, pois há acadêmicos de diferentes períodos dentro do laboratório e nem sempre já com domínio de determinada ferramenta específica para a solução de um problema –, são ofertadas oficinas específicas, como edição sonora ou animação em vídeo. Em seguida, os discentes partem para a execução prática da sua resolução. Ao final, precisam apresentar as soluções à equipe de professores, sempre justificadas e só depois de aprovada é que a solução é encaminhada aos clientes, quando também deve ser apresentada e justificada.

Na experiência já vivenciada pela Célula, nem sempre a primeira solução é aquela acolhida pela equipe de professores. Em inúmeros casos a solução é combatida e solicita-se nova proposta, uma, duas, três vezes, com prazos de entrega mais curtos. Tal prática é o ponto central da vivência no laboratório: a busca e o aprimoramento constante, e não o resultado mensurado através de um valor numérico, representado pela nota. Nota-se que essa rotina, diferente nas aulas tradicionais, num primeiro momento, repele alguns discentes, que se sentem incomodados com as constantes negativas e o embate reflexivo sobre as soluções são comuns. Como se trata de uma atividade voluntária e extracurricular, é natural a desistência de acadêmicos dentro do grupo em um índice que pode superar os 35% no semestre, motivados exatamente por essa necessidade do refazer, reconstruir, refinar. O grupo que permanece, nos momentos de desistência, é amparado pelos tutores e, se for o caso, novos voluntários são chamados para recompor as equipes.

Considerações finais

No período de setembro de 2014 a junho de 2015, a prática do PBL se apresentou adequada para o refinamento do conhecimento dos estudantes de Comunicação, RP e PP, exigindo, no entanto, enorme engajamento do corpo docente. A prática, além de romper com o modelo tradicional, ainda encontra resistência por parte dos acadêmicos, que, estimulados até pela facilidade de acesso e o descarte natural dos bens de consumo, não se sentem confortáveis com a prática do refazer atividades acadêmicas e na busca autônoma por soluções. No entanto, mais que um laboratório de aprendizagem, a Célula tem, de fato, se comportado dentro dos cursos com um espaço coletivo de troca e enriquecimento de experiências entre docentes e discentes dos cursos de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda da PUCPR.

Referências Bibliográficas

BORDENAVE, J.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino aprendizagem**. 4^a ed., Petrópolis: Vozes, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES n° 2, de 27 de setembro de 2013. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Relações Públicas**.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES n° 16, de 13 de março de 2002. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação de Comunicação Social**.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. RESOLUÇÃO CNE/CES n° 492, de 3 de abril de 2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação de Comunicação Social e suas habilitações**.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, Moraes, 1980.

MORIN, E. **Os sete saberes necessário para educação do futuro**. 2^a ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MARTIN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DOS PARANÁ. **Projeto Pedagógico de Curso, Relações Públicas**, 2013a.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DOS PARANÁ. **Projeto Pedagógico de Curso, Publicidade e Propaganda**, 2013b.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação superior no século XXI: visão e ação**. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

TURRA, R. O perfil do profissional do próximo milênio frente aos desafios da globalização. In: I SEMANA DE RELAÇÕES PÚBLICAS DE SANTA CATARINA, 2000, Itajaí. **Anais...** Itajaí: Univali, 2000.